

O jornalismo cultural brasileiro na história: reconstruções e interpretações¹

ROSSETTI, Micaela Lüdke (mestranda)
PPGCOM-PUCRS²

Resumo:

Entre estudiosos e pesquisadores, o consenso: o jornalismo cultural brasileiro já não é mais o mesmo. No século XX, o segmento destacava-se através de leituras qualificadas da arte, realizadas pelos grandes literatos da história do país – e mantinha leitores interessados e comprometidos. No século XXI, a especialidade perde cada vez mais espaço na imprensa e sobrevive tímida, em meio a textos de entretenimento e diversidades. Este trabalho revisita a história do jornalismo cultural brasileiro de forma sucinta, através de método bibliográfico, associando-a a história geral do jornalismo e aos acontecimentos sociais, econômicos e políticos pelos quais o Brasil passou. A partir da leitura de vestígios significativos que chegam até o presente, objetiva-se interpretar a trajetória do segmento e as correlações que a compuseram com vias a estabelecer um grau de consciência histórica e a identificar possíveis hipóteses para a atual configuração do jornalismo cultural brasileiro.

Palavras-chave: história do jornalismo; jornalismo cultural brasileiro; consciência histórica.

Introdução

O jornalismo cultural, segmento da prática jornalística, dedica-se à avaliação de ideias, valores e artes. Como o nome já anuncia, relaciona-se à cultura – em seu conceito mais genérico utilizado na esfera da produção jornalística – e as suas manifestações, entre elas as artes plásticas, a música, o teatro, a dança, o cinema e o folclore. No Brasil, atualmente, alguns dos grandes jornais possuem suplementos culturais – veiculados normalmente no final de semana – além de uma *agenda cultural* que, todos os dias, informa sobre espetáculos, exposições, mostras, etc. Nas revistas, o segmento também ganha espaço, em publicações específicas sobre artes e cultura, ou em pequenas *seções culturais*; e ainda, sites, blogs e até mesmo páginas de redes sociais divulgam notícias e abrem espaço para a prática do gênero.

Ocorre atualmente, entretanto, uma leitura equivocada do jornalismo cultural brasileiro: seu desenvolvimento é narrado de forma alheia à história geral do jornalismo, o que significa esquecer-se de enxergá-lo como representação (e consequência) dos

¹ Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

² Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Bolsista integral CNPq. Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva. Principais produções: *Burke, Kant e Lyotard: reflexões acerca do sublime*; e *A indústria cultural aplicada à revista BRAVO!*. E-mail: micaela.rossetti@hotmail.com.

contextos social, histórico, econômico e político de uma nação; e resumi-lo às suas tecnologias e práticas de produção. O que se quer dizer é que, antes mesmo de haver um jornalismo cultural brasileiro, o segmento se desenvolveu na Europa e Estados Unidos e, anos mais tarde, evoluiu juntamente com o crescimento da imprensa no Brasil, com suas características e meios de produção.

Revisitar o passado com um olhar sensível, capaz de perceber as correlações presentes nos rastros do gênero, faz-se necessário para aumentar o grau de consciência histórica e auxiliar o entendimento e compreensão do jornalismo cultural brasileiro atual.

Primórdios do Jornalismo Cultural

A revista *The Spectator*, lançada em 1711 por Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), é tida como marco inicial do jornalismo cultural: falava sobre livros, óperas, costumes, festivais de música, teatro e até mesmo política. Ela nasceu e cresceu com a cidade de Londres, discutia *o que estava na boca do povo* e era direcionada ao homem da cidade “preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política.” (PIZA, 2009, p.12). Em outras palavras, surge com a publicação um jornalismo que se dedicava à avaliação de ideias, valores e artes e era fruto de mudanças econômicas e sociais pelas quais a Europa passava no período após o Renascimento.

A crítica de arte foi, então, a primeira prática do jornalismo cultural a se evidenciar, tendo permanecido durante muito tempo como eixo central do segmento. De acordo com o jornalista e escritor Daniel Piza (2009), deste período se destaca Samuel Johnson (1709-1784), conhecido como dr. Johnson, que escrevia na revista *The Rambler*³ e é considerado o primeiro grande crítico cultural da humanidade. Ensaios sobre William Shakespeare (1564-1616), estudos sobre a língua inglesa, resenhas de prosa e poesia, entre outros, tornaram-no um dos homens mais lidos e receados pela classe artística do seu tempo.

³ *The Rambler* foi uma revista literária criada pelo próprio Samuel Johnson que durou de 1750 a 1752. Seus escritos abordavam temas como moral, literatura, política e religião. WIKIPÉDIA. **Base de Dados**. Disponível em: < http://es.wikipedia.org/wiki/The_Rambler>. Acesso em 23 fev. 2015.

Anos mais tarde, na primeira metade do século XIX, o ensaísmo e a crítica cultural se tornam mais influentes em uma Europa industrializada e os críticos de arte passaram a ser tratados como *semideuses* devido ao olhar sério que depositavam sobre as questões estéticas. Neste momento, o jornalismo cultural chegou a países como Estados Unidos, aonde o maior crítico do período foi Edgar Allan Poe (1809-1849), hoje conhecido por seus contos de mistério e poemas. (PIZA, 2007).

Enquanto isso, na América Latina, de acordo com os professores e jornalistas Romancini e Lago (2007), a posição de país colonizado fez com que, até 1808 – ano da implantação da Impressão Régia⁴ – os textos escritos no Brasil fossem impressos na Europa. A data marca o início da história da imprensa no país, porém, a história da imprensa brasileira tem início somente em 1822, com a Independência.

Isso se dá porque o primeiro jornal do Brasil – *Gazeta do Rio De Janeiro*, 10 de setembro de 1808 – era próximo do poder e veiculava somente notícias de interesse governamental – até 1821 todos os impressos brasileiros passavam por censura prévia, o que impedia qualquer escrito contra a religião, o governo ou os *bons costumes*.

A posição de país colonizado, portanto, retardou os avanços comunicacionais no país. Ademais, a censura, já nestes primórdios, atuou sobre os veículos limitando seus discursos, afinal, o jornal impresso era esclarecedor, quando debatia temas e explicava assuntos. O governo não desejava que a população alcançasse o conhecimento, pois era mais fácil dominá-la quando ignorante.

No mesmo período, Hipólito da Costa (conhecido como o primeiro jornalista brasileiro) imprimia em Londres o *Correio Braziliense*, que, proibido pelo governo em 1809, chegava e circulava no país de forma clandestina. O jornal possuía caráter crítico e era bem informado quanto à administração portuguesa no Brasil, sendo considerado o pioneiro em termos de jornalismo no país. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Há, neste momento, uma primeira tentativa de escrever sobre arte e cultura nos veículos impressos brasileiros, além, é claro, da influência de um jornalismo cultural europeu crescente: no *Correio* havia as sessões de Comércio e Artes; e Literatura e Ciências – essas duas últimas responsáveis por informar sobre o comércio e apresentar

⁴ A Impressão Régia foi criada por Antônio de Araújo Azevedo, ministro de D. João, que havia comprado uma tipografia ainda na Europa. A máquina veio para o Brasil juntamente com o príncipe regente na fuga da invasão napoleônica, em 1808. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

críticas sobre obras científicas. O jornal durou quase 15 anos e, em 1822, devido a Independência, Hipólito julgou ser desnecessário continuar a produzi-lo.

De acordo com a professora Regina Zilberman (2001), em 1812 surgiu o primeiro suplemento literário do país, chamado *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Com direção do intelectual Diogo Soares da Silva e Bivar (1785-1865), a publicação teve somente um número e foi seguida pelo periódico *O Patriota*, que funcionou entre 1813 e 1814. Neste último, colaboraram importantes escritores como Domingos Borges de Barros (1780-1855) e Silva Alvarenga (1749-1814).

No período pós-Independência, diversos jornais surgiram em Portugal e no Brasil, e a sua maioria circulava no Rio de Janeiro. Como se pode prever, a base central destes periódicos era política e se discutiam primordialmente assuntos da corte portuguesa, das elites brasileiras e das revoltas provinciais. Ou seja, a imprensa brasileira caracterizou-se durante a primeira metade do século XIX como instrumento de convencimento político. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

A partir do ano de 1850, mudanças materiais modificaram a prática jornalística brasileira, como a modernização do maquinário – o que permitiu o jornal diário em grandes tiragens – a introdução do telégrafo (1874) e o desenvolvimento dos correios. De acordo com Romancini e Lago (2007):

É dessa fase ainda a confluência que se estabelece entre jornalismo e literatura, no contexto do Romantismo, e uma primitiva diversificação/especialização na imprensa brasileira: surgem periódicos literários, como *Minerva Brasiliense* (1843), *Ostensor Brasileiro* (1845); humorísticos ilustrados ou não, como *Mutuca Picante* (1834), *Semana Ilustrada* (1860) e *O Mosquito* (1869). (p.53, grifo do autor).

O jornalismo político decaiu e a parcela literária despontou na imprensa brasileira durante o Segundo Reinado e viria a se tornar, anos mais tarde, peça fundamental do jornalismo cultural no país. Daniel Piza (2009) afirma que o segmento ganhou força no Brasil no final do século XIX, quando Machado de Assis (1839-1908) iniciou sua carreira como crítico de teatro e polemista literário. O autor escrevia ensaios semanais como *Instinto de Nacionalidade*, publicado pela primeira vez em 1873, e

trabalhava ao lado do grande crítico da época José Veríssimo (1857-1916), editor da *Revista Brasileira*⁵.

A partir de 1870, o jornalismo foi se transformando em empresa, gerando lucro através das vendas de grandes tiragens. A *Gazeta de Notícias*, jornal carioca popular de 1880, é um exemplo deste novo processo que começava a se desenvolver. (ZILBERMAN, 2001). E, seguindo o caminho dos demais periódicos do período, a *Gazeta* também atribuiu destaque à literatura e aos folhetins. De acordo com a professora Marialva Barbosa (2010), Machado de Assis publicava seus *Bons Dias e Boas Noites*⁶ neste jornal, Olavo Bilac (1865-1918) e Arthur Azevedo (1855-1908) escreviam crônicas e, ainda, Raul Pompeia (1863-1895), Silva Jardim (1860-1891) e Adolfo Caminha (1867-1897) eram responsáveis pelas *Cartas Literárias*. A própria publicação se comprometia com o público ao afirmar que sempre falaria sobre arte, teatros, modas e literatura.

Os escritores do século XIX encontraram no jornalismo a possibilidade de serem lidos, de se tornarem conhecidos e influentes. É claro que Machado de Assis e tantos outros escreviam bem e seu prestígio é resultado disso, mas também é inegável que a imprensa brasileira funcionou durante muito tempo como grande criadora e disseminadora da literatura brasileira e das ciências humanas.

O caminho traçado pela imprensa brasileira no século XIX teve, assim sendo, dois momentos. Regina Zilberman (2001) conclui:

Se, nas primeiras décadas do Brasil independente, a imprensa desempenhou um papel político decisivo, tomando posições contra ou a favor da manutenção da monarquia ou da implantação da república, no Segundo Reinado essa atividade amainou, embora não tenha desaparecido. Converteu-se, porém, no palco que facultou a estreia e participação pública da maioria de nossos intelectuais e poetas. Não foi, porém, apenas por essa razão que eles responderam com manifestações de entusiasmo e adesão: a imprensa

⁵ Fala-se aqui da Fase III da *Revista Brasileira*, publicada pela primeira vez em 1855, que circulou de 1895 a 1899. Ela foi a grande porta-voz da Academia Brasileira de Letras, fundada no mesmo endereço da publicação neste período. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Site**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=31>>. Acesso em fev. 2015.

⁶ Machado de Assis, de 1888 a 1889, publicou uma série de crônicas que se iniciavam com a expressão *Bons Dias* e terminavam com a expressão *Boas Noites*, sem assinatura de autor. Os escritos tratavam do processo de Abolição da Escravatura e da inserção da República no país e, por isso, continham conteúdo perigoso. COMPANHIA DAS LETRAS. **Blog**. Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/04/machado-de-assis-o-cronista/>>. Acesso em fev. 2015.

convertia-se no lugar do público e do interesse coletivo, por isso, foi igualmente espaço para a politização deles. (p.17).

Este trajeto foi essencial para o surgimento de um novo modelo de jornalismo que começou a se configurar no Brasil e no mundo no século XX. Impulsionado pela presença social adquirida pela imprensa, o jornal se tornou produto de consumo diário e questões humanas e políticas misturaram-se as críticas de arte. Exploraram-se reportagens e entrevistas, e as análises e interpretações de obras ganharam pitadas de realidades e deixaram de ser somente estéticas, voltadas para a forma e a imaginação. Conduzido pelo irlandês George Bernard Shaw (1856-1950), crítico de arte, teatro, literatura e música que escrevia para a *Saturday Review* e *The World*, formou-se o jornalismo cultural moderno. (PIZA, 2007).

O momento tem extrema importância para o jornalismo brasileiro já que se inicia o processo de modificação que iria culminar na definição de jornalismo como atualidade, como responsável por apresentar sempre o novo, e não mais, somente, como esclarecedor das massas.

Jornalismo Cultural Moderno

O aumento dos níveis de instrução, assim como a democratização da vida política e o desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação influenciaram o crescimento da imprensa nos países desenvolvidos do Ocidente. Os jornais ganharam mais páginas e os anúncios começaram a surgir, além das agências de notícias que supriam os noticiários internacionais. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

No jornalismo cultural, as revistas continuaram exercendo papel importante já que a vida intelectual e artística do início do século XX estava bastante movimentada. A figura do crítico se modifica, mas continua com relevância, como afirma Piza (2009):

O crítico que surge na efervescência modernista dos inícios do século XX, na profusão de revistas e jornais, é mais incisivo e informativo, menos moralista e meditativo. No entanto, continua a exercer uma influência determinante, a servir de referência não apenas para leitores, mas também para artistas e intelectuais de outras épocas. (p.20).

O autor ainda salienta que a revista *New Yorker*, criada em 1925, é de importante papel para o jornalismo cultural do século XX pois revelou importantes

críticos, escritores e ensaístas norte-americanos como Dorothy Parker (1893-1967), Whitney Balliett (1926-2007) e George Orwell (1903-1950).

Ao lado da *New Yorker*, a revista *Esquire* também se destacou pois contou com um grande time de jornalistas e escritores, entre os quais Scott Fitzgerald (1896-1940) e George Nathan (1882-1958). Ainda, a publicação convencionou o *New Journalism*: estilo de romance de não-ficção que mistura histórias verdadeiras com ritmos ficcionais.

Na Europa, a inglesa *The Spectator* continuava imponente e surge a *Times Literary Supplement*, que reunia críticas e foi muito importante para a divulgação dos movimentos artísticos modernos durante a década de 1920 – ainda existente, e revista é referência do equilíbrio entre literatura, outras artes e outros temas. (PIZA, 2009).

Jornalismo e literatura continuaram a se mesclar, cada vez mais intensamente, para dar vida aos escritos na imprensa. Como resultado, a população mundial, ao aproximar-se das notícias, entrava em contato com a literatura, expandia seus horizontes e, por consequência, poderia formar opiniões mais conscientes sobre a sociedade.

Daniel Piza (2009) afirma que na segunda metade do século XX, a crítica ganha espaço nos jornais diários e nas revistas semanais, e se torna cada vez mais rápida e provocativa. O *New York Times* passou a dedicar páginas a críticos de cinema, música pop e teatro que, com frequência, atestavam a qualidade ou o fracasso de produções artísticas. No *Le Monde*, *El País* e outras publicações europeias, as seções culturais tornaram-se permanentes; e em revistas como *The Observer* e *Sunday Times* os jornalistas culturais e escritores passaram a contribuir semanalmente.

No Brasil, assim como no restante do mundo, o maquinário mais moderno passou a permitir o uso de fotografias e as propagandas ganham as páginas de veículos como o *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* e *O Estado de S. Paulo*. O período marca a ruptura entre a imprensa de caráter artesanal e a da fase industrial, esta última ligada à organização capitalista. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

No jornalismo cultural brasileiro, grandes nomes da literatura continuavam a ganhar cada vez mais força, como: Euclides da Cunha (1866-1909), Monteiro Lobato (1882-1948) e Lima Barreto (1881-1922). Os jornais e as revistas atribuíam valor ao crítico profissional e informativo que, além de examinar as obras, refletia sobre a cena literária e cultural da época. (PIZA, 2009). Destaca-se Mario de Andrade (1893-1945)

que escreve principalmente sobre música e literatura para o *Diário de S. Paulo* – pertencente ao famoso empresário Assis Chateaubriand.

Neste mesmo momento, as revistas ilustradas se mantêm e surgem ainda outras, especializadas em determinados segmentos como o literário: *O Malho* (1902), *Fon-Fon* (1907) e *Careta* (1908). A partir de 1928, a revista semanal *O Cruzeiro* (também de Chateaubriand) marca época e vem a ser considerada nas décadas de 1930 e 1940 a mais importante revista brasileira, além de ser a primeira grande revista do Brasil em tiragem, 700 mil exemplares. (ROMANCINI; LAGO, 2007). Ela contribuiu para a cultura popular publicando contos e artigos de Vinicius de Moraes (1913-1980), além de levar ao grande público obras de artistas como Anita Malfatti (1889-1964).

A modalidade crônica também teve espaço garantido no *Cruzeiro* e em outras publicações, servindo para aproximar o público leitor (desacostumado com reportagens mais longas e interpretativas) do jornalismo cultural brasileiro. (PIZA, 2009). Segundo Barbosa (2010), a crônica nos jornais impressos retratava temas do cotidiano e grandes nomes da literatura eram responsáveis por transformar fatos verídicos em pequenas histórias cativantes.

Na década de 1920, os modernistas que colaboravam com diversos jornais criaram uma série de revistas dedicadas a expor ideias inovadoras e a mostrar o novo período artístico do país. A famosa *Klaxon*⁷ (1922) se sobressai, assim como a *Revista de Antropofagia*⁸ (1928) – ambas em São Paulo; e a *Estética*⁹ (1924) e *Festa*¹⁰ (1927) – no Rio de Janeiro. Tais publicações diferenciaram-se das demais também por inovar no design gráfico e influenciar diretamente a estética visual do jornalismo cultural subsequente. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Importante salientar que, a partir dos anos de 1950, o jornalismo diário se afastou da literatura, ou seja, deixou de usar o segmento artístico para retratar fatos da

⁷ Lançada em 1922, a *Klaxon* foi o primeiro periódico modernista do Brasil. Marcada pelo sarcasmo e pela ironia, foi organizada de forma coletiva com o objetivo de refletir, esclarecer e construir. Ela trazia em suas páginas o espírito da Semana de Arte Moderna. (COHN, 2011).

⁸ A *Revista de Antropofagia* teve 26 edições que circularam entre 1928 e 1929. Nela, Mário e Oswald de Andrade publicaram o *Manifesto Antropófago*, que discutiu a arte brasileira moderna. (COHN, 2011).

⁹ A revista *Estética*, publicada entre 1924 e 1925, apresentou um tom mais reflexivo do que a *Klaxon*. Seus membros queriam firmá-la como uma revista de estudos para desenvolver um pensamento crítico sobre o movimento modernista e a cultura brasileira. (COHN, 2011).

¹⁰ Foi na casa de Cecília Meireles (1901-1964) que se realizaram as reuniões da revista *Festa – Mensário de Pensamento de Arte*, proponente do formalismo e do universalismo espiritual. (COHN, 2011).

vida real. A aceleração da vida cotidiana e a complexidade dos assuntos tornaram-no um *veículo de notícias*. “A autonomização do jornalismo em relação à literatura seria fundamental para a construção de seu profissionalismo e para o seu reconhecimento como lugar de fala específico...” (BARBOSA, 2010, p.87). A literatura passou a ser vista na imprensa somente nos cadernos culturais, em criações mais fictícias.

De 1940 a 1960, apesar do controle exercido na imprensa pelo Estado devido à fase getulista, a crítica tem seu auge no jornalismo cultural brasileiro, com Álvaro Lins (1912-1970) e Otto Maria Carpeaux (1900-1978) escrevendo para o *Correio da Manhã*. Ao lado deles também estavam Graciliano Ramos (1892-1953), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Antonio Callado (1917-1997). Em 1950, o jornal cria um caderno cultural dominical chamado *O Quarto Caderno* por onde passariam posteriormente outros grandes nomes do jornalismo e da literatura nacional.

Daniel Piza (2009) completa:

Mais para o final dos anos 50, publicações como o *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *Diário Carioca* já tinham estabelecido outro padrão gráfico e editorial. O forte do *Correio da Manhã* era a opinião. No JB, que começara a modernização em 1956, deu-se mais valor à reportagem e ao visual; ali foi praticamente instituído o lide no jornalismo brasileiro, graças à direção de Jânio de Freitas. E logo em seguida o lendário *Caderno B* é criado, com direção de Reynaldo Jardim e diagramação de Amílcar de Castro, e se torna o precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro, com crônicas de Clarisse Lispector e Carlinhos de Oliveira, crítica de teatro de Bárbara Heliodora e outros trunfos; no Suplemento Dominical, Ferreira Gullar, Mario Faustino, Grunewald e os concretistas de São Paulo (Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari) faziam a cabeça da nova geração. (p.36 e 37, grifo do autor).

É fato, portanto, que a década de 1950 foi precursora para o grande momento do jornalismo cultural brasileiro, que viria a acontecer em 1960. O *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* – criado em 1956 e que também reunia importantes intelectuais e escritores – foi um dos principais responsáveis por este auge, pois lançou um modelo que definiu que o segmento não poderia ser preguiçoso e nem deveria escrever para atrair o leitor desinteressado em artes: o jornalismo cultural deveria ser intelectual e basear-se em esforço e disciplina. (PIZA, 2009). De acordo com o estudioso Sérgio Cohn (2011), o *Suplemento* “marcou uma renovação no espaço cultural dos jornais brasileiros, tornando-se modelo para os suplementos que existiram a seguir.” (p.88).

Neste período, a criação literária obtinha destaque em suas mais diversas faces – crônica, romance, poesia, contos, resenhas e ensaios – assim como a história da arte, o folclore, e as peças de teatro, espetáculos de música e sessões de cinema. Deste perfil atribui-se a união de literatura com cultura, que se espalhou pelo jornalismo do país. Ou seja, é a partir dos anos 50 que o jornalismo literário é totalmente superado e o jornalismo cultural, também empresarial, começa a pautar-se de variados assuntos.

O aparecimento da maioria dos cadernos culturais é impulsionado, portanto, pelo fortalecimento das bases da indústria cultural, pelo aumento do público e do poder aquisitivo em geral. Assim como, é influenciado pelo crescimento populacional, urbanização e facilidade de acesso aos bens de consumo cultural. (GADINI, 2003).

Segundo Romancini e Lago (2007), em 1959 o empresário Simão Waissman cria a revista *Senhor*, que durou até o ano de 1964. Nela, além dos sofisticados padrões gráficos, enxergavam-se trabalhos de importantes nomes da literatura brasileira como Guimarães Rosa (1908-1967) e Clarisse Lispector (1920-1977). Conh (2011) afirma que a publicação era destinada a um público masculino intelectualizado e de grande poder aquisitivo, e se caracterizou pela excelência de conteúdos, com densas análises.

Inspirados pelo momento do jornalismo cultural brasileiro, em 1967, Oswaldo Goidanich e Paulo Fontoura Gastal transformaram a página literária do jornal *Correio do Povo*, fundado em 1895, que se chamava *Poetas do Sul*, no *Caderno de Sábado* – suplemento que primordialmente era literário e, em pouco tempo, tornou-se cultural. Naquela época o *Correio do Povo* era o diário mais lido e vendido do Rio Grande do Sul e, em pouco tempo, o *Caderno* caiu no gosto do povo tornando-se referência no segmento: foram lançadas 646 edições até o ano de 1981, quando o mesmo foi interrompido. Em 2014, o *Caderno de Sábado* foi retomado pelo jornal e continua a ser veiculado.¹¹

Importante citar que no período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985, houve um favorecimento dos grupos de comunicação, principalmente os ligados à televisão, o que impulsionou o crescimento do mercado comunicacional e resultou na abertura de diversos cursos de graduação em Comunicação. Em 1969 a profissão

¹¹ LIVROS A+. **Blog**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=344>>. Acesso em fev. 2015.

recebeu sua primeira regulamentação com o Decreto-Lei 972 e a partir de 1970, o diploma passou a ser exigido para o exercício profissional dos que ainda não trabalhavam na imprensa – os que já atuavam como jornalistas puderam obter o registro mesmo sem diploma. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Apesar do crescimento da imprensa durante a ditadura militar brasileira, a censura exercida sobre os meios de comunicação foi mais intensa do que em qualquer outra época da história do país, e diversos jornais, revistas e grupos de comunicação foram caçados. O jornalismo cultural, em específico, sofreu já que sua matéria-prima é a arte, que se colocou em maioria contra o regime ditatorial. Devido a isso, surgiu no país na década de 1970 uma imprensa alternativa, associada à agitação cultural pela qual o mundo e o Brasil passavam. As propostas dos veículos eram diversificadas, mas concentraram-se em duas correntes: uma ideológica-política e outra voltada para a ruptura da crítica cultural e dos costumes. (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Entre os diversos experimentos jornalísticos da época na área cultural está a revista *Diners*, criada na década de 1960 e recheada de reportagens interpretativas, críticas, escritos literários inéditos; a famosa *O Pasquim*¹², tabloide semanal também de 1960 que reunia política, humor e cultura; e a *Opinião*¹³, de 1970, que fez sucesso com a esquerda intelectualizada. De acordo com Piza (2009), estas revelaram importantes nomes do jornalismo cultural: Paulo Francis (1930-1997) e Sérgio Augusto (1960-).

O autor ainda explica que somente em 1980 a *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* estabeleceram seus cadernos culturais diários – a *Ilustrada* e o *Caderno 2*, respectivamente. De acordo com Romancini e Lago (2007) o primeiro destes jornais chegou na mesma década as grandes tiragens, devido a mudanças em seu perfil editorial: o *Projeto Folha* visou expressar uma nova ideologia jornalística que passou a prezar a independência, o apartidarismo e a crítica. Tal projeto, entretanto, recebeu apontamentos negativos como a perda da dimensão interpretativa do jornalismo, além da consciente manipulação do mercado – este momento marca o início da decadência

¹² *O Pasquim* foi o grande porta-voz contra a ditadura militar no Brasil e em somente seis meses de circulação já saía com 200 mil exemplares. (COHN, 2011).

¹³ *Opinião*, revista carioca de 1972, se destacou por ser uma das únicas fontes de informação confiáveis e honestas sobre os acontecimentos da época no Brasil. Além disso, era totalmente independente financeiramente e em relação aos seus conteúdos. (COHN, 2011).

um jornalismo cultural mais profundo e agregador e a ascensão das hoje conhecidas como *agendas culturais* nos jornais impressos brasileiros. Devido a isso, a *Ilustrada* e o *Caderno 2* perderam prestígio e decaíram qualitativamente na década de 1990.

Romancini e Lago (2007) afirmam que os outros jornais seguiram este novo padrão que modificou intrinsecamente o jornalismo:

Parte-se do princípio que o leitor, de modo geral, tem menos tempo para a leitura. Daí, para atender melhor este consumidor, a proliferação das colunas de notas, textos e parágrafos curtos, recomendações no sentido do uso de uma linguagem acessível, concisa e didática, o que acarreta certa padronização. (2007, p.180).

Além das mudanças estruturais nos jornais, os anos 90 são também caracterizados pela liberdade de imprensa, sofisticação técnica e mercadológica, e ainda definidos pela presença de assuntos relacionados à moda, gastronomia e design. (PIZA, 2009). Ainda, em 1995, o comércio da Internet foi liberado no Brasil e o grupo Abril, juntamente com o grupo Folha, foi pioneiro no mercado online através da criação do provedor Universo Online. O *Jornal do Brasil* foi o primeiro a ter uma versão na web, seguido pelo primeiro jornal em tempo real, o atual *Folha Online* – criado em 1996.

Para Barbosa (2010), a década de 1990 representa “o momento em que a chamada cultura da comunicação começa a tomar forma.” (p.225). Isso porque a comunicação passa a estar totalmente apoiada em um sistema tecnológico que mistura a mídia de massa globalizada com a comunicação mediada por computadores.

Em 1997, a Editora D’Ávila, apostando no consumo de revistas segmentadas pelo público e, ainda, certa da necessidade de uma publicação séria voltada às artes, lançou a revista *BRAVO!*. A nova empreitada tornou-se referência no jornalismo cultural brasileiro veiculando matérias sobre música, pintura, artes plásticas, teatro, dança, escultura, entre outras manifestações artísticas e culturais. Com uma média de quatro leitores por exemplar, cada edição atingia em média 100 mil pessoas.

Em 2004, a publicação passou a ser da Editora Abril e sobreviveu, em versão impressa e online, até o ano de 2013, quando foi descontinuada devido a mudanças nas estruturas editorial e comercial da editora. Há quem atribua o seu fechamento a nova configuração da comunicação atual, principalmente ao crescimento da Internet. Para Daniel Piza (2009), a *BRAVO!* queria comunicar o prazer da cultura, pela qualidade de

seus textos e pela produção visual. A publicação foi considerada pelo autor como a mais bem feita sobre cultura no Brasil no início do século XXI.

Como não poderia deixar de ser, os anos 2000 foram palco para o avanço da internet que passou a fazer parte, cada vez mais, da vida dos brasileiros. Seu crescimento e seu maior acesso pela população configura um novo momento no jornalismo do país. Romancini e Lago (2007) afirmam “que existem movimentos de pluralização de produtores – neste caso graças, em particular, à Internet –, de regionalização e localização das mensagens.” (p.169).

Ou seja, a informação não é mais uma exclusividade da imprensa e dos jornalistas, o que torna a função ainda mais importante: é preciso mostrar a qualidade de um bom texto e de informações colhidas e produzidas com cuidado e embasamento teórico, frente a um turbilhão de mensagens que são divulgadas todos os dias. Para se ter uma noção, de acordo com o Fecomércio-RS/Ipsos, em 2007 o percentual de brasileiros conectados à Internet era de 27% e, em 2011, já somavam-se 48%.¹⁴

É inegável que o ambiente online representa o surgimento de um novo local onde o jornalismo cultural e os jornalistas da área podem se expressar e explorar textos e críticas mais profundas e interessantes, já que, parece, não há mais este espaço (e nem está liberdade) nos jornais impressos e revistas. Além disso, o formato traz novas possibilidades de sustentabilidade e novos meios de interação com a sociedade: ao contrário dos suportes tradicionais, o jornalismo online pode respeitar a atualização, diária ou não, de acordo com os seus setores; o usuário tem maior acesso ao produtor do texto; é possível selecionar somente os conteúdos que interessam a cada leitor; entre outras. (TEIXEIRA in AZZOLINO, 2009).

Entretanto, no ambiente online há o aumento de produtores – aquele famoso *qualquer um pode escrever sobre qualquer coisa*. Isso pode ocasionar o crescimento de opiniões supérfluas sobre a arte, baseadas em juízos de gosto e não em conhecimento, o que pode gerar ruídos nas relações entre produtores e consumidores.

O site Digestivo Cultural, criado em 2000, apresenta-se como um dos precursores do jornalismo cultural no ambiente online. Encabeçado por Julio Dário

¹⁴ TO BE GUARANY. **Site**. Disponível em: <<http://tobeguarany.com/internet-no-brasil/>>. Acesso em fev. 2015.

Borges, a plataforma se propõe a realizar críticas de livros, discos, filmes, peças, programas, exposições, publicações, sites e até mesmo restaurantes. Entre seus colaboradores, autores, escritores, e jornalistas produzem ensaios, colunas, entrevistas e etc. Atualmente, o site possui cerca de 250 mil visitantes ao mês e entrega mais de dois milhões de páginas navegadas (*pageviews*) mensais.¹⁵

Conclusão

A história do jornalismo cultural brasileiro não deve ser enxergada de forma independente. Nos séculos XIX e XX, enquanto o segmento traçava o seu caminho – influenciado pelos rumos do gênero na Europa e nos Estados Unidos – a história do Brasil e da imprensa brasileira também decorria. Situações políticas, econômicas e sociais do país e da atividade profissional interferiram na trajetória e nas alterações sofridas pela especialidade.

É possível perceber, através do que está exposto neste trabalho, que o prestígio do jornalismo cultural brasileiro até a metade do século XX pode ter se dado em função da posição esclarecedora que o ramo desempenhava no país. Esperava-se que os veículos de comunicação contivessem textos extensos, explicativos, que iluminassem a população, que educassem. Com a ditadura militar imposta no Brasil e parte da arte mostrando-se contrária ao regime, o jornalismo cultural foi altamente censurado, o que prejudicou o segmento e o adaptou a uma série de regras ditadas pelo governo. E, já no final do século, com o capitalismo e nova configuração da área, o atual passou a predominar e tornou-se exigência a busca por novidades, em predominância a análises e interpretações. A partir da ideia que o leitor moderno estaria mais ocupado com outras atividades, modificou-se a produção jornalística cultural, tornando-a mais sucinta e objetiva, e menos reflexiva.

Não se pode explicar o jornalismo cultural brasileiro presente no século XXI somente com base na história. Mas podemos elucidar alguns acontecimentos que intervieram em seu caminho, adquirindo assim um maior grau de consciência histórica que possibilita a elaboração de hipóteses para a sua atual configuração.

¹⁵ DIGESTIVO CULTURAL. **Site**. Disponível em: <
http://www.digestivocultural.com/editoriais/release.asp?codigo=172&titulo=FAQ_Digestivo>. Acesso em abril 2015.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Site**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=31>>. Acesso em fev. 2015.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000**. 2ªed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- COHN, Sérgio. **Revistas de Invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- COMPANHIA DAS LETRAS. **Blog**. Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/04/machado-de-assis-o-cronista/>>. Acesso em fev. 2015.
- DIGESTIVO CULTURAL. **Site**. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/editoriais/release.asp?codigo=172&titulo=FAQ_Digestivo>. Acesso em abril 2015.
- GADINI, Sergio Luiz. **A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.
- LIVROS A+. **Blog**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=344>>. Acesso em fev. 2015.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 3ªed. 2ªreimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.
- TEIXEIRA, Nísio. *Desafios para a prática e o ensino do jornalismo cultural*. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte. (Org.) **7 Propostas para o Jornalismo Cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009.
- TO BE GUARANY. **Site**. Disponível em: <<http://tobegarany.com/internet-no-brasil/>>. Acesso em fev. 2015.
- WIKIPÉDIA. **Base de Dados**. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/The_Rambler>. Acesso em fev. 2015.
- ZILBERMAN, Regina. *Imprensa e Literatura no Brasil*. In: **Jornalismo Cultural: cinco debates**. Florianópolis: FCC Edições, 2001.